

# Violência contra a mulher exige reflexão das polícias

Corporações precisam aprofundar debate sobre o tema, a começar pelo inimigo a ser combatido, que pode ser o marido, o namorado, o pai dos filhos e o vizinho que mora ao lado

**Juliana Martins e Fiona Macaulay**

10 de dezembro de 2019

DIVULGAÇÃO/POLÍCIA CIVIL SP



Falta de valorização na própria corporação não contribui para a atuação policial no enfrentamento da violência contra a mulher fora de sua atuação profissional

O enfrentamento à violência contra as mulheres é um dos temas que estão em bastante evidência nos dias atuais, despertando tanta atenção e grande repercussão nos meios de comunicação. Diante desse cenário, fica evidente que entre os desafios para enfrentar a questão é a formação dos profissionais da área de Segurança Pública para lidar com o tema. A violência contra a mulher é diferente dos outros tipos de violência. Nesse caso, a primeira coisa que precisa ser enfrentada pela (o) policial em uma situação do tipo é desconstruir a ideia de um “inimigo” do estado a ser combatido. Aqui, o “inimigo” é o marido, o namorado, o pai dos filhos, o vizinho que mora ao lado.

Pesquisas recentes do Fórum Brasileiro de Segurança Pública<sup>[1]</sup> trazem dados sobre a violência contra a mulher bem importantes sobre essa questão, entre os quais destacam-se o fato de que:

- a cada dois minutos é registrado um caso de violência doméstica no Brasil;
- em 88,8% dos casos de feminicídio, o autor foi o companheiro ou ex-companheiro;
- 42% das mulheres que sofreram algum tipo de violência relatam que a violência foi sofrida dentro de casa;
- em 76,4% dos casos, o autor era alguém conhecido: companheiro, ex-companheiro, vizinho;
- mais da metade dessas mulheres agredidas, 52%, não fez nada após a violência sofrida;
- 23,8% procurou a polícia (delegacia da mulher, delegacia comum ou ligou para o 190) e 15% procurou ajuda da família;

Esses dados mostram que a violência ocorre principalmente dentro de casa, sendo cometido por conhecidos e pessoas em quem a mulher confia(va), envolvendo relacionamentos íntimos ou próximos. Além disso, indicam que muitas dessas mulheres não estão chegando às instituições policiais ou sistema de justiça.

Na ausência de uma formação profissional para lidar com o tema, um importante desafio é reconhecer que, muito provavelmente, o (a) próprio (a) policial tenha uma história pessoal que envolva situações de violência doméstica na infância ou vida adulta.

Para piorar a situação, do ponto de vista institucional é comum que as corporações não tenham políticas de valorização voltadas às mulheres que atuam em seus quadros, o que nos leva a algumas reflexões importantes sobre o tema: há possibilidade de ascensão profissional? Quantas mulheres ocupam funções de comando? Os equipamentos de proteção individual são adequados ao corpo feminino como, por exemplo, os coletes balísticos? Há um entendimento de que existem funções que devem ser desempenhadas apenas por policiais homens e aquelas apenas por policiais mulheres? Qual o procedimento da instituição quando a policial engravida?

Se dentro da instituição esse for um tema desprezado, sem lugar, ignorado, dificilmente o/a profissional daquela corporação vai valorizar esse trabalho do lado de fora. Ou seja, o fato de não cuidar e valorizar as mulheres policiais dentro da própria corporação faz com que homens e mulheres dessa mesma polícia não valorizem a atuação policial no enfrentamento da violência contra a mulher fora de sua atuação profissional, ainda que em muitos casos algum tipo de trabalho seja desenvolvido nas polícias militares por rondas ou patrulhas Maria da Penha, por exemplo. Um outro fator complicador é que a formação policial nessa área se restringe aos aspectos jurídicos da atuação policial.

O curioso é que em alguns estados as ocorrências de violência doméstica e familiar estão no topo da lista de chamados de emergência pelo 190 representando, na prática, parte significativa da rotina de trabalho do (a) policial. Assim, toda a polícia precisa estar preparada para realizar um trabalho que vai muito além daquele desenvolvido pelas unidades especializadas para a fiscalização e acompanhamento das medidas protetivas de urgência.

Por conta dessas questões, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública atua, desde 2016, na formação de policiais civis, militares e guardas civis municipais para o enfrentamento da violência contra a mulher. Nesses três anos, as pesquisadoras tiveram contato com cerca de 200 profissionais de todo o país, que atuam diretamente com mulheres em situação de violência, seja nas rondas, patrulhas Maria da Penha ou Delegacias da Mulher.

Nas oficinas de formação oferecidas a profissionais de vários estados, foi possível observar um grande interesse pelo tema e relatos de falta de cursos nessa área e da ausência de apoio institucional e dos colegas de trabalho, o que indica que esse campo de atuação profissional é menos valorizado do que outros. Os profissionais demonstraram conhecer muito bem suas atribuições, mas com pouca familiaridade sobre a atuação de outros atores da rede de proteção às mulheres vítimas de violência.

A partir dessas observações, ficou explícita uma demanda para preparar o (a) policial para o enfrentamento da violência de gênero, o que levou à elaboração de um manual de princípios e práticas pedagógicas para policiais, com exercícios e orientações para ajudar a polícia a discutir esse tema internamente e a pensar a atuação do (a) policial no seu dia a dia.

Patrocinado pela Uber, e cheio de dicas práticas e atividades de formação explicitadas, o manual será disponibilizado em breve para instrutores de academias de polícias, policiais que querem oferecer formação profissional continuada aos seus colegas, e outros multiplicadores com atribuição de ajudar aos policiais como lidar de uma forma mais eficaz com o problema de violência contra a mulher. Fazer a lição dentro de casa pode ser o primeiro passo para que esse tema seja compreendido de maneira integral e tenha resultados mais eficazes dentro e fora das corporações.

[1] <http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-2-edicao/> e <http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/13-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/>

**Juliana Martins**

Coordenadora institucional do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

**Fiona Macaulay**

Professora doutora do Departamento de Estudos pela Paz na Universidade de Bradford, Inglaterra

<https://backup.forumseguranca.org.br/multiplas-vozes/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn>

